



OU NÃO?

A vida tem uma dinâmica incrível. Acontecimentos cotidianos, as vezes aparentemente banais com o tempo se transformam em fatos históricos de imensa relevância. A descoberta de um remédio, que pode até se dar por acaso, o descobrimento de um país que também pode se dar por acaso, mas nem tanto. Um método, um jeito de fazer diferente o que parecia complicado simples, enfim, algumas coisas acontecem de tal forma que parecem que foram programadas para aquilo. Mas nem tanto.

Viver uma situação de crise é normal ao longo da vida, mas sempre temos a impressão de que a do país vizinho é um pouco mais branda que a nossa. Já nascemos com registro de nascimento, de imediato temos providenciados CPF, carteira de identidade, passaporte, uma serie de documento que garantem nossa condição e dignidade como cidadãos. Mesmo assim, ainda que fora dos momentos de crise é difícil conseguir um lugar ao sol, ou seria no sol?

Agora imagine a situação de um cidadão, não, cidadão não, uma mercadoria, pois o seu registro era contábil, ativo, passivo, estoque... Como teria sido difícil conseguir um lugar ao sol. Difícil não, impossível. A garantia certa era de um lugar no sol e no solo, abaixo sete palmos respeitados os padrões católicos, não importava se esta era ou não sua cultura. Nada era respeitado, animais quaisquer viviam com mais dignidade.

Mas, de qualquer forma, tinham onde se alimentar, se é que se podia chamar "aquilo" de alimento e tinham onde se abrigar do frio, se é que se podia chamar "aquilo" de abrigo. Amanheciam o dia e mesmo diante de condições extremamente adversas tinham uma ocupação que fazia queimar o tempo ao sol ardente até adentar a noite, e outro dia e outra noite para ter em troca "aquilo" enquanto a morte não chegava.

Sempre estivemos atrasados diante da evolução do mundo. Quase todas as grandes nações do planeta já haviam libertado seus escravos, menos nós. Mas fizemos. Foi insustentável, não foi um movimento voluntario, foi extremamente forçado, a eminente chegada da República tornava o sistema escravocrata impraticável. Mas não dá tempo de dissertar sobre este tema agora.

No dia 13 de maio de 1888, através de lei ordinária, percebe-se que o tema não era tratado com a devida importância, lei ordinária e não complementar, foram libertados os nossos escravos. Foi o dia mais longo da história do Brasil. Um número sem fim de mercadorias, agora homens livres, sem sequer certidão de nascimento ou qualquer outro meio de identificação, a não ser sua "repugnante" cor de pele soltos pelas cidades, sem eira, beira ou tribeira, atrás de um lugar ao sol depois de terem queimado anos no sol. Sendo inevitavelmente execrados por todos. Aqueles que não tinham nada, dignidade alguma, tinham ao menos onde se alimentar e se proteger minimamente do frio, tinham a proteção de seu senhor, pois eram mercadorias caras, agora, definitivamente não tinham nada. Mas o instinto de sobrevivência falou mais alto tinham que se abrigar e se alimentar, para isso tiveram, que "trabalhar ". Alguém desprovido de qualquer leitura histórica, poderia berrar, "agora são homens livres ". Livres?

Ditava a referida lei, a "LEI AUREA", que, depois de 100 anos, a partir daquele momento deveriam retornar ao seu "*status quo*". Seria então no dia 13 de maio de 1988. Caberia neste caso ao presidente da República, liberta-los para todo o sempre, foi o que ele fez. Não consigo lembrar agora quem era o presidente do Brasil naquele momento, mas foi ele quem realmente libertou os escravos. Coincidência?

Outro dia, em uma conversa com uma amiga, perguntei: "coincidências existem?" Ela, que é uma pessoa extremamente esclarecida me respondeu que não. No fundo, para não precipitar nenhuma conclusão ou julgamento, até porque, só quem pode julgar é o juiz, melhor não concluir se os fatos históricos, por mais estranhos que pareçam são ou não coincidência.

Mas, alguns desfechos recentes da história política fizeram retirar de cena figuras que já haviam se tornado presenças obrigatórias em todos os jornais e telejornais do país. Do dia para a noite sumiram, não se houve falar. Nova York, prêmio. Dá a impressão, somente a impressão que havia um planejamento nas aparições. Tendo-se cumprido este planejamento... Não há razão aparente para explicar o sumiço, então, só pode ser coincidência. Ou não?

Por Fernando Balby, criminalista